

AS PRÁTICAS ASSOCIATIVAS DOS TRABALHADORES DO SETOR DE CONFECÇÃO EM GOIÂNIA: UM ENFOQUE SOCIOLÓGICO

MARQUES, Rogério dos Santos Bueno¹; NUNES, Jordão Horta²

Palavras-chave: associativismo, reestruturação produtiva, setor de confecção.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A temática da reestruturação produtiva tem sido central nos estudos do trabalho, com especial destaque para os setores mais tecnologicamente desenvolvidos. Na outra ponta da cadeia produtiva, setores da produção tais como o de confecção, dominados pelo trabalho a domicílio, intenso uso da força de trabalho e baixo desenvolvimento tecnológico têm sido bem menos abordados como objetos de pesquisa sociológica. É com esta perspectiva que este trabalho vem abordar o desenvolvimento do setor de confecção em Goiânia bem como a situação da classe trabalhadora vinculada a este setor, principalmente no tocante às práticas associativas desses trabalhadores em toda a história da capital. Segundo a RAIS, a população formalmente empregada no setor de confecção em Goiânia responde por 2,8% (RAIS-MTE, 2003) de todos os vínculos empregatícios da cidade. Conceitos tais como terceirização, subcontratação, trabalho a domicílio, divisão sexual do trabalho e reestruturação produtiva fazem parte do instrumental teórico da pesquisa. outro objetivo da pesquisa é verificar os alcances e limites de tais categorias conceituais no que se refere a um setor peculiar da produção.

2. METODOLOGIA

2.1 – Levantamento bibliográfico.

Uma série de trabalhos, tais como os de ABREU (1986), LIMA (2004), ABREU e SORJ (1995) e RAMALHO e SANTANA (2004), nos orientam na busca da operacionalização de conceitos tais como os de subcontratação, terceirização, além das especificidades da indústria do vestuário. O estudo das cadeias produtivas é didaticamente trabalhado por LEITE (2004), além disso, a relação entre as categorias gênero e trabalho permeia todos os estudos aqui citados.

2.2 - Levantamento em bancos de dados

Com vistas a compreender o impacto dos processos de reestruturação produtiva, recorreremos a bancos de dados tais como o SEBRAE, SINE, Secretarias de Planejamento municipal e estadual, Secretaria do Trabalho, IBGE, CUT, DIEESE, OCG, FIEG, Ministério do Trabalho e Emprego através da RAIS, além de sindicatos e associações.

2.3 – Entrevistas.

Já foi iniciado o processo de realização de entrevistas, que visam indicar a visão dos (as) trabalhadores (as) e patrões com relação às práticas associativas, às mudanças tecnológicas e às relações de contratação e trabalho. Para a realização de tais entrevistas, estamos utilizando gravadores de voz, sendo todas as entrevistas realizadas na residência dos (as) informantes. Para uma melhor operacionalização da pesquisa, a parte relativa às entrevistas abertas está sendo acompanhada do uso de um *software* de análise de dados qualitativos, o AQUAD. Após o término dessas entrevistas, todas estarão codificadas pelo *software*, o que proporciona uma maior facilidade para compreender as práticas, visões e percepções dos entrevistados acerca do ramo da confecção e seu processo de reestruturação produtiva, e ao regime precarizado de contratação e produção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 – Percepções sobre o associativismo

Algumas cooperativas tiveram início de registro, mas não chegaram a se formalizar, sendo logo abandonadas pelas potenciais cooperadas. Pelas entrevistas já realizadas, nota-se uma

descrença no poder de mobilização dos sindicatos e associações de trabalhadores. Apesar da presença do sindicato da categoria ser, até certo ponto, forte, muitas costureiras nunca se filiaram e nem pensam em se filiar a nenhum tipo de associação. Do outro lado, os proprietários de confecção, que também têm suas associações, são mais presentes nos processos de mobilização e atividade política promovido pelas associações – todavia as confecções caracterizadas como microempresas são em grande parte excluídas dos objetivos mercadológicos das associações empresariais, ou seja, as associações empresariais visam, na maior parte das vezes, as médias e grandes confecções.

3.2 – Mapeamento das práticas associativas no setor de confecção

Demonstra-se claramente a falta de associações ou entidades que consigam congregar os múltiplos interesses envolvidos tanto por parte de trabalhadores quanto pelos empresários. As associações patronais se revelam, grosso modo, voltadas apenas para os interesses das empresas de médio e grande porte. No caso dos (as) trabalhadores (as) foi identificado apenas um sindicato. Os estudos de casos feitas em outras regiões do Brasil estão sendo aos poucos, confirmados também em nossa capital. Algumas exceções são claras, como, por exemplo, o caso de cooperativas de confecção no Ceará, que até nesse momento não foi encontrado nada semelhante em nossa pesquisa. No entanto, um arranjo produtivo local de confecções em grandes proporções já se configura na cidade de Goiânia, fato esse que destaca a capital do estado como importante pólo de produção de roupas. Essa noção de arranjo produtivo local (APL) será enfocada no decorrer da pesquisa.

3.3 - Organização da produção

O estudo da cadeia de produção no setor de confecção em Goiânia revela um processo de produção que emprega de maneira informal a grande maioria dos (as) trabalhadores (as) no chamado trabalho a domicílio. Grande parte das costureiras se inserem num contexto em que família e trabalho dividem o mesmo ambiente, revelando assim a precariedade das condições de trabalho, além dos impactos gerados sobre o associativismo visto que o trabalho a domicílio é, via de regra, individualizado e, obviamente, informal e sem os amparos da legislação trabalhista.

4. CONCLUSÃO

Por estar em fase de desenvolvimento, a pesquisa ainda conta poucos resultados concretos que possam ser delineados em comentários finais.

Os estudos de casos feitos em outras regiões do Brasil estão sendo, aos poucos, confirmados também em nossa capital. caso de cooperativas de confecção no Ceará, que até. Nota-se, a partir das semelhanças e diferenças com outros casos, a importância de um estudo de caso sobre a região metropolitana de Goiânia, que congrega as já afirmadas peculiaridades do setor de confecção com as peculiaridades de nossa própria região, além de se configurar como importante espaço de interação no processo produtivo de artigos de vestuário, consubstanciando assim a noção de arranjo produtivo local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria da confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.

ABREU, Alice Rangel de Paiva e SORJ, Bila. Subcontratação e relações de gênero na indústria da confecção. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva e PESSANHA, Elina. *O trabalhador carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: JC, 1995.

LEITE, Márcia de Paula. *Tecendo a precarização: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções em São Paulo*. Trabalho apresentado no XXVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2004.

LIMA, Jacob Carlos. *O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo vol.19, n. 56, Out, 2004.

RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio. *Sociologia do Trabalho no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC

¹ Bolsista de iniciação científica/Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia/UFG.
rogeriobueno@independiente.com

² Orientador/Faculdade de Ciências Humanas de Filosofia/UFG.
jordão@fchf.ufg.br;